



# As Invasões Francesas na tradição oral e escrita

(SUBSÍDIOS)

Quando Junot entrou em Portugal, como é costume em todas as *viradeiras* <sup>1</sup>, alguns o acolheram de braços abertos, desfazendo-se em louvores hiperbólicos <sup>2</sup>. Supunham-no ingénuos o mensageiro de uma nova era de liberdade...

O Sol declina, e a palavra Junot passa a empregar-se como insulto <sup>3</sup>.

«Causava riso ouvir dizer que no meio de tudo isto (a derrocada da primeira invasão) inda Junot proclamava: cercado por mar, e por terra d'inimigos que lhe desejavão beber o sangue, proximo a verificar-se o pasquim, que na sua entrada em Lisboa, lhe puzerão, que antes se deve chamar Profecia, dizendo — *Junot, a entrada valeo hum milhão, mas pela saída não te dou hum tostão* — e outro — *Come e dança, que a tua cabeça não torna a França* — a ponto de vêr realisado, o que agora no Porto lhe fizerão, que era — *O Ducado d'Abrantes está a vagar por instantes* — outro — *o Throno de Napoleão anda em leilão* — inda fazia esforços de moribundo... » <sup>4</sup>.

Dando-nos conta do levantamento geral contra os Franceses, o mesmo *Compendio* <sup>5</sup>, refere-se elogiosamente ao «valeroso

<sup>1</sup> O termo foi usado por Nicolau Tolentino contra aqueles que injuriavam o Marquês de Pombal ao vê-lo *no chão*, tendo-o na época de prosperidade enchido de lisonjas...

<sup>2</sup> As virtudes de Junot andavam cantadas, por exemplo, no folheto: *Memórias | Das | Primeiras Acções Militares | Do | Excellentissimo Senhor | General Junot, | Duque de Abrantes, | E Governador de Portugal, | Traduzidas | do Tomo IV. da Galeria Militar* (Lisboa, 1808).

<sup>3</sup> Vid. *Revista Lusitana*, vol. IV, pág. 276.

<sup>4</sup> *Compendio Historico | Dos Acontecimentos Mais Celebres, Motivados Pela Revolução de França, E Principalmente Desde A Entrada Dos Francezes em Portugal Até A Segunda Restauração | Desde a Gloriosa Acclamação do Principe Regente | o Serenissimo Senhor D. João VI... | por | Fr. Joaquim Soares | da Sagrada Ordem dos Pregadores. T. I, pág. 47* (Coimbra, 1808).

Quanto aos ditos, é curioso comparar os modernos: *Sidónio Pais, se dormes, caís; Ou é da minha vista, ou estás a pedir Baptista*, etc.

<sup>5</sup> T. II, pág. 17.

e fiel Portuguez» Bento Alves da Silva Canedo, que incumbiu um homem afoito de ir à torre da Igreja de Nossa Senhora do Carmo (Faro) «para que começando *por badaladas annunciadoras d'hum mulher afflicta com as dores do parto*<sup>1</sup>, que pede aos fieis lhe valhão com as suas orações, tocasse o sino a rebate para o Povo ir ás armas, e livrar a Patria da oppressão e cativoiro em que estava gemendo».

Narra-nos também as represálias dos Franceses contra Évora por motivo da Restauração: sacrilégios, roubos, estupros, destruições, as maiores crueldades enfim<sup>2</sup>.

Noutro folheto<sup>3</sup> há um ataque irónico aos *Partidistas*, accusando-os por terem «cooperado para a felicidade de que temos gozado com a forma de governo, e aos quaes a Patria, sempre agradecida aos verdadeiros filhos, talvez brevemente recompensará tão assignalados serviços».

E, continuando na ironia, diz um dos interlocutores (Bazilio):

«Em quanto ao saque, deve dizer aprehendêrão os bens alheios para applicação de piedade, que só os Francezes conhecem. Os desacatos aos Templos, isso ha de ser engano. De sorte, que como a França pertende despir a Religião de todas as Superstições que a deshonorão, talvez esses Templos tivessem alguns ornatos indecentes, algumas Imagens velhas, ou desformes, e algumas cruces, ou corôas, que necessitassem de ser limpas, ou não teria a sua prata, ou ouro os quilates de França; julgando elles que o contrario disto era a maior superstição»<sup>4</sup>.

Na mesma esteira segue uma sátira em verso — «*Protecção á Francesa*»<sup>5</sup>, que começa:

«Que vem a ser ter entrado  
Dias antes do Natal  
Tropa estranha em Portugal  
Mal calçada, e mal vestida,  
Esfaimada, e intorpecida  
De cançasso, ou de fraqueza?  
He protecção á Franceza.

<sup>1</sup> Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XI, pág. 257, e a *Revista de Positivismo*, t. III, pág. 13 (artigo de Consiglieri Pedroso).

<sup>2</sup> Pág. 22.

<sup>3</sup> *Dialogos, | Entre | Hum Literario Honrado, | E | Hum Impostor Cabelheiro, | Presenciados, e Escriptos | Por hum hospede do primeiro, assás | intelligente, e de credito* (Lisboa, 1809).

<sup>4</sup> Pág. 24.

<sup>5</sup> Lisboa (1808).

Que vierão cá fazer,  
Sem lhes mandarmos recado?  
Comerem-nos pão, e gado,  
Pondo tudo em confusão!

.....\*

A pág. 23 vem a *Adivinhação*:

«De trovisco fui a cedro,  
As raizes espalhei,  
E a tudo, a que chegar pude,  
Com meus ramos açoutei;  
Como Lucifer com Deos  
Eu contra Deos me atrevi,  
Veio hum raio vingador,  
Cortou-me os troncos, cahi:  
Adivinhem, meus Senhores,  
Que ella está feita com arte;  
O consoante os ensina,  
Vejão lá se he . . . ».

Segue-se, a pág. 24 (a última), a gravura de uma nau; por baixo estão os versos:

«Nesta carreira dos tolos;  
Tudo o que vai he Francez;  
Agora os apaixonados,  
Hão-de embarcar d'outra vez»<sup>1</sup>.

Em 1811 publicou-se em Lisboa uma «*Carta e Resposta sobre o odio dos inimigos francezes, e sobre o ornato das mulheres*, occasionados por um sermão que se prègou na Igreja de S. Paulo... no primeiro de Janeiro de 1811, e publicadas por um íntimo amigo do Prègador, Fr. José de S. Cyrillo Carneiro...».

No sermão considerava-se como um castigo do céu a vinda dos francezes; reconhecia-se que elles tinham roubado, violado,

<sup>1</sup> As expressões vulgares — *Roupa de Franceses, à francesa, pregou-lhe a francesa, F. é um francês* — são muito anteriores às invasões. Vid. João Ribeiro, *Frazes Feitas*, 2.<sup>a</sup> série, pág. 256.

A fama podia ter nascido dos ataques sofridos pelas nossas naus que voltavam da India e do Brasil, quando tinham o mau encontro dos corsários francezes (Vid. João de Meira, *O Concelho de Guimarães*, pág. 76 (Pôrto, 1907), e, na *Historia Tragico Maritima*, o caso de Jorge de Albuquerque Coelho.

Mas deve vir de mais longe. Recordem-se os crimes cometidos no *Caminho real francês* para Santiago de Compostela, a que se refere o provérbio: *Em caminho francês, vende-se gato por rês*. Vid. *Concioneiro da Ajuda*, edição critica por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, t. II, pág. 807.

abusado, que tinham «morto infinita gente, profanado os Sagrados Templos, insultado a Jesus Christo nos Sacrarios»; que não podíamos contudo odiá-los, mas sim as suas iniquidades: era legítimo «matá-los em luta aberta, mas não friamente como fêz a paizanada e até sacerdotes».

\*

São poucas as tradições que colhemos em Santo Tirso sobre os Franceses: referências vagas a roubos <sup>1</sup> e a violências, indicação de pessoas que iam espreitar a medo os soldados franceses que passavam na estrada; a descrição do combate da ponte de Negrelos em que os pobres lavradores foram massacrados <sup>2</sup>.

As lutas liberais, os levantamentos e revoluções constantes de 1820 para cá, concorreram naturalmente para apagar um tanto a impressão profunda gravada pelas invasões.

A freguesia de Areias, aquela que melhor temos estudado, conta pelo menos quatro combatentes que morreram por ocasião da entrada dos franceses em Braga (segunda invasão).

No livro do registo dos óbitos aparecem estes assentos:

F. 98 v. «Antonio Pereira casado com Catharina Maria Marques do lugar da Torre... Consta, que morrera no Carvalho Deste na intrada dos Franceses em Braga, e para constar fis este termo, que assigno hoje des de Agosto de mil e oitocentos e des declaro que fes testamento era ut supra O abb.º Manuel Franc.º da S.ª».

Id. «Jose filho legitimo de Jose Gonçaves e de Maria Rosa do lugar de Fontella... consta, que morrera na intrada dos Franceses em Braga, e para constar...».

«Id. «Jose Luis de Oliveira casado com Maria Josefa do lugar do Barreiro... morreo na guerra na intrada dos Franceses em Braga, e por não ter aparecido athe o presente fis este assento...».

Id. «Alexandre da Silva casado com Maria Angelica do lu-

---

<sup>1</sup> No Rol dos ornamentos da Igreja da freguesia de Areias não há referências aos franceses. Inventariam-se uma «vestimenta de damasco verde com a sua stola, um veo de ombros, 4 mezas de corporaes, uma dalmatica, tres toalhas de altar, veo preto...» mas tudo «rouvado pelos do Porto (1828)». Liberais que iam em retirada?

<sup>2</sup> Vid. Alberto Pimentel, *Santo Thyrso de Riba d'Ave*, pág. 180.

gar de Sande desta freguesia de Sant-Iago de Areas faleceu na guerra na intrada dos Franceses em Braga, e por não ter apparecido athe o presente fis este assento... »<sup>1</sup>.

— Numa autobiografia ms. de Fr. José Joaquim de Santa Rosa (*Livro da Razão | sobre algumas particularidades pertencente á Casa de Real e de Covas...* (1835)), vai-se filiar na invasão franceza um conflito grave entre frades:

«Acontecendo porem a invasão dos Franceses naquelle anno, e tendo sido dispersos dos seus Mosteiros nesta Provincia todos os Religiosos, alguns Collegiaes de Rendufe, que esquecidos das doutrinas que aprenderão no anno do Noviciado, e nas Casas de educação, e que se virão no seculo em plena liberdade, fizeram alguns excessos dignos de reprehensão pelas suas immodestias; e vendo-se depois obrigados a tornar a recolher-se no m.<sup>mo</sup> anno em Outubro de 1809 para o Mostr.<sup>o</sup> de Rendufe, o dito Abb.<sup>c</sup> Fr. Sebastião homem fogoso e de má indole protestou vingar nos Collegiaes taes excessos de rapaziada, e outras cousas concebidas, e exageradas por alguns falsos zelosos, e tendo-se reunido todos no mez de Outubro do dito anno, immediatam.<sup>te</sup> lhes fez hua perseguição cruel, e procedendo a hua devassa ficarão logo culpados alguns Collegiaes, e o resto posto em tormentos... ».

Chega de Pendurada Fr. José, para estudar Filosofia, e, conhecendo mal as rapaziadas dos condiscipulos, começou a defendê-los com calor. Metido para dentro da devassa, e considerado até como cabeça de motim, vê-se lançado numa masmorra com ferros aos pés. Dapois de sofrer bárbaros castigos, resolve-se a fugir do cárcere no dia do Patriarca S. Bento, descendo pela janela por meio de lençóis estendidos e amarrados uns aos outros...

Fr. José ficou odiando de morte os Franceses, e aproveita o texto da proclamação de Junot ao entrar em Lisboa (1807), para desabafar em italiano:

«Ladroni di Francia

---

<sup>1</sup> Vê-se que a entrada dos franceses de Soult em Braga não foi isenta de dificuldades, pois só da minha freguesia pereceram quatro homens.

Os habitantes de S. Martinho de Campo quizeram também opor-se á passagem dos franceses pela ponte sobre o rio Vizela, mas, cercados, foram mortos doze. Vid. Alberto Pimentel, *Santo Thyso de Riba d'Ave*, pág. 180.

Não salientam esses factos nem muitos outros semelhantes os nossos *historiadores romancistas*, que chegam a cobrir de ironias o povo, e se entreteem por vezes na tarefa de apresentar os invasores á nossa simpatia!

Fanatismos que denunciavam uma singular aberração...

Il piu grandi di tutti li crimi sono le ruberia e la perfidia <sup>1</sup>.  
Fra Giuseppe»

Isto como comentário ao final da proclamação, que traduz do francês:

«... Va il mio Esercito ad entrar in vostra Citta: vengo a salvar dell'influenza d'Inguilterra il vostro porto, é'l vostro Principe...

Abitanti di Lisbona. Soggiornate pacifici, e da voi quieti non timete nulla del'mio Esercito, né di me: i nostri nemici, e li malvagi devono solamente timerei. Il grande Napoleone, mio Segnor, inviami per proteggervoi, ed io vi proteggerieri. Abitanti di Lisbona. Il piu grande di tutti la sceleraggine e di tutti li crimi é la ribellione».

—Transcreve para o *Livro da Razão* as composições que exprimem revolta contra o domínio estrangeiro e uma ânsia de liberdade.

Sem qualquer indicação sobre o nome do autor, aparece a F. 87 v. do manuscrito um

«Dialogo entre hum Cura e hum freguez

FREG. Que tem S.<sup>r</sup> P.<sup>e</sup> Cura  
que assim seu peito magoa?  
que aconteeo em Lisboa,  
1.<sup>o</sup> Padre Nosso?

CUR. Se comparo o stado vosso  
Co d'aquella triste gente,  
Confesso ingenuamente  
2.<sup>o</sup> que estaes nos Ceos.

FREG. Depois que desse Judeo  
As tropas na Corte entrarão,  
Nenhum lugar respeitarão  
3.<sup>o</sup> Sanctificado.

1 Cfr.: «O patife do Junot  
Vinha p'ra nos proteger!  
Veio mas foi p'ra nos roubar,  
E p'r'ás pratas recolher.

A. Thomaz Pires, *Cancioneiro Popular Politico*, pág. 2 (Elvas, 1906).

«Eu vos venho proteger  
Haverão muitos Camões  
Resgatai os vossos bens  
Dai-me quarenta milhões».

Nota acêrca das Invasões dos Franceses em Port., Brito Aranha (Lisboa, 1909).

Com horror sempre escutado,  
Ó impios crueis Francezes,  
Maldiçoado mil vezes

4.º Seja o vosso nome.

CUR. Não, freg(uês), sentido tome;  
O sagaz Napoleão  
Nada quer de vós senão

5.º Venha a nós.

He este monstro feroz  
que, em protector disfarçado,  
Vos ha, o Luzos, roubado

6.º O Vosso Reino.

FREG. Desgraçado pobre Reino!  
Mas por vós quero, meu Cura,  
que desse bicho a pintura

7.º Seja feita.

CUR. Minha mão treme, e regeita  
Hum tal quadro debuxar;  
quero porem contentar

8.º A vossa vontade.

D'Ajacio na vil cidade  
D'hum tigre a Mãe o pario;  
Já mais hum monstro se vio

9.º Assim na terra.

(Seu vulto respira guerra,  
Horroriza a sua voz;  
Acazo já visteis vos, (?)

10 Como no Ceo.

FREG. Basta, s.ª, ponde hum veo  
Sobre tão feia carranca,  
De q.ª das mãos nos arranca

11 O pão nosso.

CUR. Com magoa afirmar-vos posso  
que os mansos Cultivadores  
Perderão os seus suores

12.º De cada dia.

FREG. Ai, Snr.ª d'Abbadia,  
Melhorai a nossa sorte;  
quando não subita morte

13 Nos dai hoje.

CUR. A paciencia lhe foge!  
Lembre-se oh ã he Christão!  
Diga a Deos do coração:  
14 Perdoai-nos, Senhor!

Com crimes o seu furor  
Contra nós cegos armamos;  
Felizes se aqui pagamos  
15 As nossas dividas,

Regue o pranto as faces lividas  
Ninguem, digamos, ó Ceo,  
De tantos crimes he reo  
16 Assim como nós.

Mas dignai-vos, snr., vós  
Perdoar aos Portuguezes  
que nós aos Cruéis Francezes  
17 Perdoamos.

FREG. Como P.e? Perdoamos!  
Nem por vida farei isto.

CUR. Perdoar nos manda Christo  
18 Aos nossos devedores.

FREG. Mas estes salteadores  
Será prohibido matar?  
Dizei, Padre, a duvidar  
19 Não nos deixeis,

que os Francezes, bem sabeis,  
São os agentes dos infernos,  
Empenhados em fazer-nos  
20 Cahir em tentação.

CUR. Á vista dessa razão  
Esses demonios matai;  
A propria vida arriscaí,  
21 Mas livrai-nos do mal.

Seguro então Portugal  
Cobrirá a antiga luz  
Da Santa Religião  
Comtigo, Augusto João,  
22 Amen Jezus<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Conservamos fielmente a ortografia. Acrescentamos apenas a pontuação que faltava quasi por completo.

No *Cancioneiro Popular Politico* de A. Tomás Pires, entre as trovas colhidas da tradição oral <sup>1</sup>, há algumas alusivas à invasão dos Franceses.

Entre elas há «**Pelo Signal**» do Junot (*conversa entre duas comadres*) com uma referência, como não podia deixar de ser, aos roubos dos invasores:

«O tal peralvilho,  
Fez dos nossos conventos praça,  
Jesus, Paulistas e Graça,  
E também do *Espirito Santo*» <sup>2</sup>.

*Padre Nosso Politico* só se encontra no referido *Cancioneiro* um a pág. 40, mas muito diferente na forma, e todo referente a factos e figuras das lutas liberais.

Outro *Padre Nosso*, mas sátira apenas da vida religiosa, se pode ler a pág. 22 da *Demosophia* por Soeiro de Brito <sup>3</sup>.

É interessante confrontar os nossos subsídios com a *Nota acerca das Invasões Francezas* por Brito Aranha (Lisboa, 1909), págs. 27, 100, 103, 106, 107, 109 e 142, e com a *Musa das Revoluções* de Alberto Pimentel (Lisboa, 1885), pág. 102 e segs.

A F. 90 v. do manuscrito citado vem o «*Cantico dos Luzos em 1807 feito por Fr. Antonio de S.<sup>to</sup> Illydio Collegial em Rendufe, e hoje D.<sup>or</sup> e Lente de Mathematica*» <sup>4</sup>:

#### I.<sup>a</sup>

Da Luza gente as preces maviozas  
Sobre as azas se elevão d'amargura,  
Escutai-as, Senhor, e com ternura  
Os olhos lhes lançaí.

1.<sup>o</sup> Recordare nobis <sup>5</sup> quid acciderit nobis  
intuere et respice opprobrium nostrum.

<sup>1</sup> Não quer isto dizer que tôdas sejam populares.

<sup>2</sup> Nas *Cantigas Populares* colleccionadas por Francisco Xavier da Silva (Porto, 1871), há, a pág. 37, com algumas variantes, *O Signal da Cruz*, que começa: «Conheceste o Jinó?». Termina:

Fez sem pejo o peralvilho  
Dos nossos conventos praça,  
Paulistas, Jesus e Graça  
Findou no *Espirito Santo*.

<sup>3</sup> Collecção Silva Vieira (Espozende, 1890).

<sup>4</sup> Numa entrelinha, escritas por outra mão e com tinta diferente, leem-se as palavras: «Bispo eleito de Aveiro».

<sup>5</sup> Deve ter havido engano na transcrição feita por Fr. José: Em vez de nobis devia estar — *Domine*...

2.<sup>a</sup>

Ao som de seus grilhoens Elisia bella  
Sobre as quebradas quinas reclinada  
Da liberdade chora magoada  
A perda desditoza.

- 2.<sup>o</sup> Hereditas nostra versa est ad alienos:  
domus nostra <sup>1</sup> ad extraneos.

3.<sup>a</sup>

Dentre os braços os fados rigorozos  
Da Patria o charo Pai nos arrancarão  
E o Luzitano Povo condemnarão  
À mais triste orfandade.

- 3.<sup>o</sup> Pupilli facti sumus absque patre:  
Matres nostrae quasi viduae.

4.<sup>a</sup>

Bebendo em taças d'ouro o Luzo sangue  
Dos Gallos a ambição não se mitiga;  
Mas cruel terrorismo nos obriga  
A barbaro resgate.

- 4.<sup>o</sup> Aquam nostram pecunia bibimus  
Ligna nostra pretio comparavimos.

5.<sup>a</sup>

Quaes mansos cordeirinhos obedecem  
Bravos Luzos às leis da tirania,  
Cada qual em segredo aos Ceos envia  
Os ais filhos da dor.

- 5.<sup>o</sup> Cervicibus nostris minabamur  
Lassis non dabatur requies.

6.<sup>a</sup>

Amassado com lagrimas offerece  
A seos filhos hum Pai grosseiro pão  
Que lhes prestão na dura escravidão  
Deshonrosos officios.

- 6.<sup>o</sup> Aegypto dedimus manum, et Assiriis.  
ut saturaremur pane.

---

<sup>1</sup> Por — nostrae?

7.<sup>a</sup>

De nossos Pais os crimes detestaveis  
O furor do Eterno provocarão  
E no pelago immenso nos lançarão  
De males desastrosos.

- 7.<sup>o</sup> Patres nostri peccaverunt et non sunt  
et nos iniquitates eorum portavimus.

8.<sup>a</sup>

Com astucia os mais vis d'entre os mortaes  
Se apoderarão do Solio Bragantino  
E ás garras do seu furor ferino  
Não ha quem nos arranque.

- 8.<sup>o</sup> Servi dominati sunt nostri:  
non fuit qui redimeret de manu eorum.

9.<sup>a</sup>

Fugirão com João os brandos rizo  
Que em torno de Lizia volteavão,  
Em luctuozo pranto se tornarão  
Os cantos d'alegria.

- 9.<sup>o</sup> Defecit gaudium cordis nostri  
Versus est in luctum chorus noster.

10.<sup>a</sup>

Já murcharão as candidas boninas  
Das Capellas que a frente nos ornavão,  
Quando innocentes pastores festejavão  
Luzas prosperidades.

- 10.<sup>o</sup> Cecidit corona capitis nostri  
Vae nobis quia peccabimus.

11.<sup>a</sup>

Da tristeza a noite pavorosa  
Abafa o coração com negro manto  
E os olhos á força do seu pranto  
A luz perdida tem.

- 11.<sup>o</sup> Propterea maestum fractum est cor nostrum  
Ideo contenebrati sunt oculi nostri.

12.<sup>a</sup>

Chegou enfim o termo derradeiro  
Do destino feliz de Portugal  
Tudo acabou, só tu, Deos immortal,  
Hés ser (?) por natureza.

12.<sup>o</sup> Tu autem domine in æternum permanebis  
Solum tuum in generationem et generationem.

13.<sup>a</sup>

Mas crime ate quando, justos Ceos,  
Deixareis sobre a terra triunfar  
E padroens sobre os ais a levantar  
Da triste humanidade.

13.<sup>o</sup> Quare in perpetuum oblivisceris nostri,  
Derelinques nos in longitudine dierum?

14.<sup>a</sup>

Oh possão, grande Deos, nossos gemidos  
Desarmar tua dextra vingadora  
Que á perfida nação usurpadora  
Os Luzos entregou (?).

14.<sup>o</sup> <sup>1</sup> Projiciens repulisti nos  
iratus es contra nos vehementer.

15.<sup>a</sup>

Dias de ferro (?) pela dor marcados  
Succederão a dias venturosos,  
Mudem-se as scenas, fujão pressurosos  
Os dias d'amargura.

Converte nos (?) et convertemur  
innova dies nostros sicut a principio.

Oratio Jeremiæ Prophetæ. Cap. v.

Não sabemos se este cântico terá sido impresso.

Investigações que fizemos na Biblioteca Municipal do Pôrto e as que foram feitas a nosso pedido pelos Exc.<sup>mos</sup> Senhores Doutor Mendes dos Remédios e Raúl Proença, respectivamente na Biblioteca da Universidade de Coimbra e na Biblioteca Nacional de Lisboa, não deram até hoje resultado.

Pôrto, 10 de Dezembro de 1920.

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA.

<sup>1</sup> Falta a palavra — *Sed*.